

CABRAL DE CARVALHO

O PADROEIRO DE CARAÚBAS: SÃO SEBASTIÃO  
DOS “CACHOEIRA”

UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE  
Separata dos Arq. Inst. Antrop. Natal. v. 1 n. 2  
p. 23-28 dez. 1964





## O PADROEIRO DE CARAÚBAS:

### SÃO SEBASTIÃO DOS "CACHOEIRA"

#### CABRAL DE CARVALHO

O Setor de Antropologia Física, dando prosseguimento aos trabalhos de pesquisa no Grupo Isolado de Caraúbas, deslocou-se no dia 20 de janeiro com a finalidade de filmar, fotografar e gravar a festa do Padroeiro da cidade.

O maior interesse para a Antropologia Física decorre do fato de, nesse dia, estar reunida tôda a família "Cachoeira" na adoração da imagem de São Sebastião, "o velho".

Registra Jonas Gurgel que a imagem chegou antes de 1750 porque, exatamente nesta data, tinha início a construção da Capela que terminou em 1753 e São Sebastião já era seu Padroeiro.

Veio do engenho "Muribeca", em Pernambuco, trazida por Leandro Bezerra, casado com Ana, filha de Francisco de Souza Falcão, e primeiro a chegar naquela área com carta de data, compreendendo quase todo o território do município de Caraúbas, acrescido, posteriormente, por outras datas, formando territorialmente um verdadeiro império.

Tendo em vista a sêca que assolava a região, Leandro e Ana, muito católicos, prometeram transladar a imagem de Pernambuco para a sua fazenda se o santo fizesse chover. Choveu. E o "santo" veio presidir a vida religiosa do povo de Caraúbas.

Os Pimenta, que não foram os primeiros a chegar, assumiram a liderança. Souza Falcão e Leandro Bezerra esfacelaram-se em pequenos grupos na área da Cachoeira e hoje vivem miseravelmente, fóra do perimetro da cidade que eles fundaram.

Entretanto, até hoje não houve influência capaz de alterar o prestígio crescente da pequena imagem de São Sebastião dos Cachoeira.



De uma feita, os paroquianos reunidos, compraram uma imagem de São Sebastião de tamanho natural, extremamente linda, verdadeira criação de arte sacra. No entanto, antes de entronizada, o grupo da Cachoeira levava à pia batismal da opinião pública a imagem, que passou a chamar-se de “São Sebastião, o nôvo”.

Por outro lado, o padre fêz a procissão com o “nôvo santo”. Nesse ano não choveu.

O murmúrio foi muito grande contra a mudança. Nos três anos seguintes, saiu o “santo velho”. Três anos de grandes invernos.

Volta o padre a insistir na procissão com o “santo nôvo”. Não choveu. Anos depois, chega outro vigário e resolve tirar o São Sebastião “velho” para uma capela. Cachoeira em pêso apareceu na cidade: “O SANTO NÃO SÁI”. Ninguém quis pegar na imagem.

Um velho sacristão, muito corajoso, fêz a mudança da imagem de um altar para outro e, em menos de três dias, em cada dedo um panarício e um flemão em cada mão. Ninguém mais teve coragem de mexer com o “santo” depois dêsse castigo.

São Sebastião Pequenino, São Sebastião dos Cachoeira, é um pedaço do Céu em pleno sertão potiguar.

Das paróquias vizinhas, chegam sacerdotes, fiéis, armam-se barracas pelas ruas, comida, bebida, jogos de azar, roda gigante, carrossel.

Em tôdas as ruas, um baile. Em meio do extraordinário borbórinho que transforma completamente a vida da cidade de Caraúbas, o grupo da Cachoeira destaca-se e nele reside a razão de nossa presença naquele grande acontecimento religioso.

Homens e mulheres andam sempre em grupos muito grandes e sistematicamente dividem o tempo, entre a adoração do padroeiro e o carrossel.

Em tôrno do “santo velho”, apinham-se os Cachoeira: não tomam conhecimento de mais nada. Os que não entram na Igreja, acocoram-se pelo lado de fora, exatamente no local onde fica o altar da milagrosa imagem. No carrossel, ficam exclusivamente do lado sul. Não jogam, não bebem, não dançam. Todos fumam e fumam muito: homens, mulheres e crianças. Dificilmente são vistos sem um cigarro ou um cachimbo na bôca.

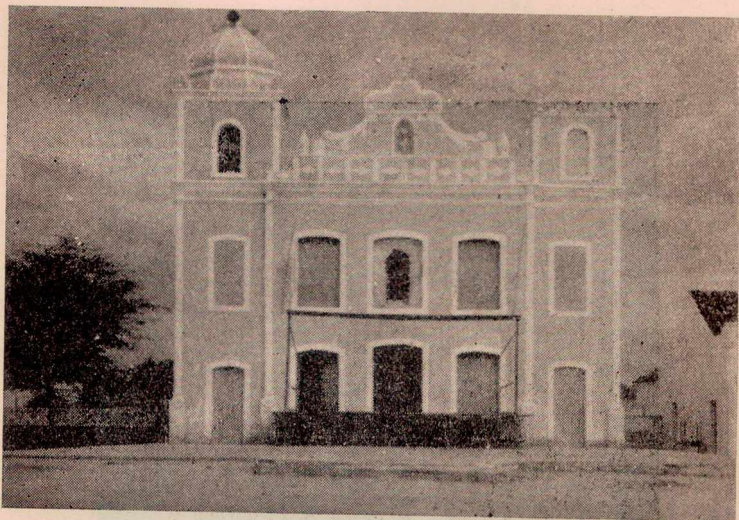
\* \* \*

Enquanto todo o grupo de Antropologia Física entrega-se aos seus trabalhos específicos, entremos na Igreja para uma ligeira descrição do altar, da imagem e dos preparativos que antecedem a procissão que se aproxima.

Na ala esquerda, junto ao altar mor, em parede lisa, sem moldura, sem enfeite, sem nada, nota-se um nicho de geometria pen-



tagonal. Está vazio. Não o examinamos porque nada tinha, nem nada tem para ser examinado. Não fôra a forma, poderíamos dizer que a pequenina imagem está num buraco na parede lateral esquerda da Matriz de Caraúbas. (Foto n° 1).



MATRIZ DE CARAÚBAS

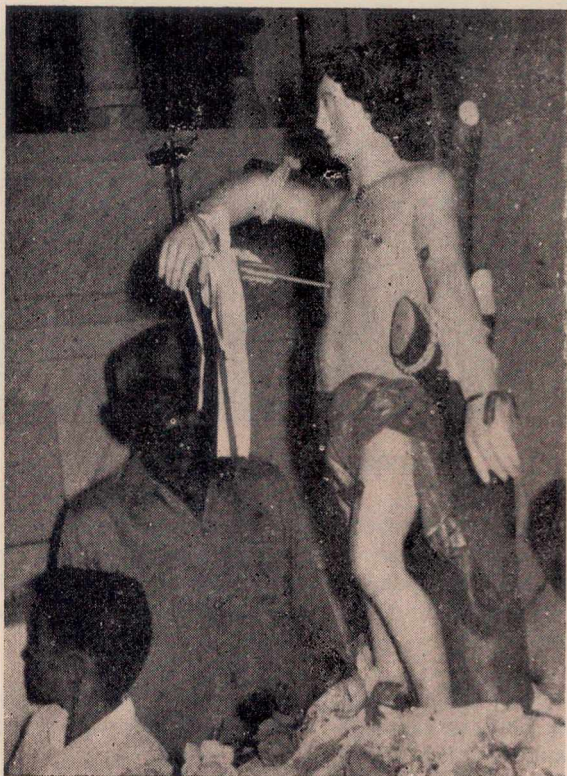
A imagem de São Sebastião, “o velho”, já está no andor para a procissão. O círculo formado pelo grupo dos Cachoeira é completo. A imagem tem pouco mais de um (1) metro de altura. É feia e o seu acabamento difere muito das da mesma época encontradas em nossos templos. (Foto n° 2).

Aos seus pés, no andor, uma toalha de rendas e algumas flôres artificiais. Foi a imagem de “santo” mais pobre que já vimos num dia de procissão.

Entretanto, é forçoso confessar que poucas vêzes vimos tanta contrição, tanta religiosidade.

O “santo nôvo” sai do seu nicho no altar môr, sendo colocado na janela central do côro, voltada para a rua. O povo não toma conhecimento de sua presença. Ninguém reza para êle, ninguém o quer. — (Foto n.º 3).

As associações religiosas formam cordões no patamar na Igreja. Uma cruz e um turíbulo dão início à procissão quando um sol de frouxos raios ilumina as últimas horas de uma tarde sertaneja.



*Imagem de São Sebastião, "o velho".  
(Foto n.º 2)*



Começam os benditos. Rezam-se têrços em voz alta e lá vai a procissão, carregando o “santo velho” que continua sendo a esperança e certeza dos dias promissores de Souza Falcão e Leandro Bezerra. — (Foto n.º 4).

Os “caboclos” da Cachoeira não são mais os donos da cidade. Entretanto, são eles os donos do andor, os donos do santo, os donos da fé e da tradição, insubstituíveis na alma de quantos vivem naquela região.



*Imagem de São Sebastião, “o novo”, colocada na janela central do côro. (Foto n.º 3)*

A procissão retorna à Igreja, depois de uma volta completa pela cidade.

No altar armado frente à Igreja, depois do sermão, é dada a bênção aos fiéis. Todos acompanham o “santo velho” ao seu nicho. . .

. . . e o “santo nôvo” continua na porta da Igreja porque ninguém reza para êle, ninguém o vê, ninguém o quer.

Termina a festa. Os Cachoeira dispersam-se, desaparecem como por encanto. Voltam aos seus lugares de trabalho. De longe, adoram e vigiam o seu Padroeiro. Pacientes, esperam outro 20 de janeiro.

São Sebastião Pequenino constitui o valor central, o fator aglutinante do grupo em estudo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 — BRITO, Raimundo Soares: “Os Caboclos da Cachoeira”, Conferência pronunciada no Instituto Cultural do Oeste Potiguar, Moçoró, 1963 — (Inédito).
- 2 — GURGEL, Jonas: — “Coronel Antonio Francisco de Oliveira”, Caraúbas Centenária (Edição Comemorativa do Centenário da Paróquia), p. 126. 1958.



Aspecto da procissão, vendo-se ao centro o “santo velho”.

( Foto n.º 4 )



